

A iniciação cristã na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma

Christian Initiation in the Apostolic Tradition of Hippolytus of Rome

DIOGO MARANGON PESSOTTO*

Resumo: A antiguidade cristã conferia singular relevância ao processo de iniciação cristã, pois dele dependia não apenas a acolhida e inserção do indivíduo na comunidade cristã como também deveria significar para este a fonte de sua existência como seguidor de Jesus Cristo na Igreja. Hipólito de Roma (170-235) registrou e interpretou esse processo em sua obra *Tradição Apostólica* à luz de seu contexto e com a intenção de estabelecer os critérios fundamentais de uma autêntica iniciação à vida cristã. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é o de analisar os elementos pertinentes ao processo de iniciação cristã no âmbito da obra *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma para a compreensão do significado teológico dos sacramentos da iniciação cristã no contexto da Igreja primitiva. Metodologicamente, nossa pesquisa é qualitativa quanto à abordagem, exploratória quanto aos objetivos e de pesquisa bibliográfica e documental quanto aos procedimentos. Na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma ocupam lugar de destaque no processo de iniciação de cristã a comunidade, a conversão e a oração. O catecumenato condensa em si o significado teológico dos sacramentos do batismo, da confirmação e da eucaristia. Por essa razão, ritos, sentidos e experiência articulam-se harmoniosamente, o que certamente pode (e deve) inspirar a iniciação à vida cristã em nossos tempos.

Palavras-chave: Iniciação Cristã. *Tradição Apostólica*. Hipólito de Roma. Catecumenato. Sacramentos.

* Diogo Marangon Pessotto é doutorando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestre em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Bacharel e Licenciado em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Docente do Instituto de Filosofia e Teologia Santo Alberto Magno (União da Vitória/PR). Contato: diogopessotto@hotmail.com

Abstract: Christian antiquity gave singular importance to the process of Christian initiation, since not only did it depend on the acceptance and insertion of the individual in the Christian community, but also it should mean for him the source of his existence as a follower of Jesus Christ in the Church. Hippolytus of Rome (170-235) registered and interpreted this process in his work *Apostolic Tradition* in the light of its context and with the intention of establishing the fundamental criteria for an authentic initiation into the Christian life. In this sense, the objective of the present article is to analyze the elements pertinent to the process of Christian initiation in the scope of the work *Apostolic Tradition* of Hippolytus of Rome for the understanding of the theological meaning of the sacraments of Christian initiation in the context of the primitive Church. Methodologically, our research is qualitative in terms of approach, exploratory in terms of objectives and bibliographic and documentary in terms of procedures. In the *Apostolic Tradition* of Hippolytus of Rome, community, conversion, and prayer occupy a prominent place in the process of Christian initiation. The catechumenate condenses in itself the theological significance of the sacraments of baptism, confirmation and the eucharist. For this reason, rites, meanings, and experience are harmoniously articulated, which certainly can (and should) inspire the initiation into Christian life in our times.

Keywords: Christian Initiation. *Apostolic Tradition*. Hippolytus of Rome. Catechumenate. Sacraments.

Introdução

Ao tratarmos do processo de iniciação cristã encontramos, nas origens da Igreja, as fontes, as experiências e os escritos, que servem de base para uma efetiva e eficaz iniciação à vida de fé. Daí a necessidade de retomarmos, continuamente, o sentido e o espírito da iniciação cristã e do catecumenato dos primeiros séculos, como fonte e modelo para a iniciação cristã hodierna. Neste sentido, o objetivo do presente artigo é analisar os elementos pertinentes ao processo de iniciação cristã, no âmbito da obra *Tradição Apostólica*, de Hipólito de Roma, para a compreensão do significado teológico dos sacramentos da iniciação cristã, no contexto da Igreja primitiva. Queremos, com isso, reafirmar a importância dessa obra, no contexto da iniciação cristã dos primeiros séculos e do catecumenato atual, como modelo inspirador.

1 Vida e obra de Hipólito de Roma

Os dados relativos à história de Hipólito de Roma são muito confusos, ainda que suficientes, para o estabelecimento da trajetória de um dos mais importantes autores romanos dos primeiros séculos. Sua origem, sua passagem por Roma, sua posição na hierarquia, os conflitos que travou e seu reconhecimento pela Igreja são elementos que compõem a problemática de sua personalidade. Hanssens (1965, p. 312) trata, exaustivamente, de cada uma dessas questões, concluindo dentre elas, que a divulgação das obras de Hipólito é o único critério para o estabelecimento de sua origem. Como essa divulgação se deu, em grande medida, no Oriente, não se hesita em afirmar que Hipólito provém dessa localidade. Por conseguinte, a hipótese de uma atividade, exclusivamente, romana apresenta-se insustentável.

Sobre a hipótese de ter sido bispo,

as várias declarações feitas por Hipólito nos *Elenchos* (*Refutação de todas as heresias*) a respeito de sua própria pessoa ou sua atividade, não oferecem uma base sólida para a tradição que fez dele um bispo. A partir destas declarações, só se pode deduzir que ele era, como escreveu Eusébio, [...], ‘assistente ao governo de alguma Igreja’ (HANSSENS, 1965, p. 313, tradução nossa).

A afirmação de que Hipólito foi o primeiro antipapa da história da Igreja é uma fábula. Diz-se que Hipólito reprovou e acusou o Papa Calisto de herético, quando este atenuou a disciplina para os penitentes de pecado mortal. Por esse motivo, um grupo restrito e influente de presbíteros elegeu Hipólito Bispo de Roma. Entretanto, o fato é que Hipólito, em concordância com outros presbíteros romanos, dos quais um talvez fosse Novaciano, rebelou-se, violentamente, contra os ensinamentos doutrinários e pastorais do Papa. Porém, estes não se sentiam excluídos da Igreja nem retirados da autoridade de Calisto. Ou seja, o suposto cisma não passou de um posicionamento de fé, canonicamente, mal definido por parte de Hipólito, que certamente não foi o líder de uma outra igreja. Em sentido contrário, o primeiro antipapa foi Novaciano, ordenado bispo em Roma, no ano de 251 e tornado chefe de uma comunidade cismática.

Hipólito foi tido como mártir e santo pela Igreja, ainda que alguns autores daquele período tenham silenciado sobre sua morte pela fé, e que o Santoral Romano apresentasse outros Hipólitos, o que não comprometeu a personalidade de Hipólito de Roma, cuja memória litúrgica é celebrada no dia 13 de agosto.

Segundo Quasten (2000, p. 421), Hipólito era profundo conhecedor do pensamento e da filosofia grega. Além disso, verifica-se, entre sua teologia e a teologia grega, uma estreita relação, indicando que recebeu uma formação helênica e corroborando sua origem oriental. Ademais, foi o último autor cristão de Roma que utilizou a língua grega em seus escritos. Com isso, Hipólito “é grego na expressão e no pensamento” (QUASTEN, 2000, p. 421, tradução nossa). Por volta de 235, o imperador Maximino Trácio desterrou Hipólito e o Papa Ponciano, sucessor de Calisto. Ambos foram enviados à Sardenha. Ponciano renunciou ao pontificado, a fim de que Roma pudesse eleger outro Bispo, e Hipólito procurou a reconciliação com o Pontífice, em virtude de sua revolta anterior contra Calisto. Em seguida, os dois foram mortos, ainda no ano de 235. O Papa Fabiano (236-250) trasladou seus corpos a Roma, sendo que ambos foram considerados mártires da fé. Na entrada da Biblioteca Vaticana, encontra-se uma estátua de Santo Hipólito, descoberta no ano de 1551, possivelmente no cemitério subterrâneo, no qual Hipólito foi sepultado. Esta estátua possui todas as características de uma obra do século III, tendo sido erigida por seus admiradores. Nela foram gravadas a tábua pascal e a lista das obras de Hipólito.

Poucas obras de Hipólito foram conservadas em seu texto original, grego. A perda destas se deve ao caráter herético de sua cristologia e à sua suposta condição de cismático. Além disso, após a morte de Hipólito, o conhecimento do grego foi desaparecendo, gradualmente, em Roma. Dentre as obras que se conservaram – integralmente, ou em parte – muitas nos chegaram por traduções latinas, siríacas, coptas, árabes, etiópicas, armênicas, georgianas e eslavas. Tais traduções orientais indicam a importância de Hipólito para o Oriente.

As obras de Hipólito são: a) *Philosophoumena* ou *Refutação de todas as heresias*: pesquisadores do século XIX atribuíram-na a Hipólito, após análise do conteúdo da obra, sendo que, anteriormente, era atribuída a Orígenes; b) *Syntagma* ou *Contra todas as heresias* e *O Anticristo*; c) Tratados exegeticos: *Comentário sobre Daniel*, *Comentário sobre o Cântico dos Cânticos*, *História de Davi e Golias* e *Homilias sobre os salmos*; d) Tratados cronológicos: *Crônicas*, *Computação pascal*, *Homilias sobre a Páscoa*, *Os louvores do Senhor nosso Salvador* e *As heresias de Natal*; e) *Tradição Apostólica*.

De acordo com Quasten (2000, p. 452-456), a cristologia de Hipólito segue a dos apologistas, a de uma relação subordinacionista, entre o Logos e o Pai: a geração do Verbo é um desenvolvimento progressivo, que contempla o tempo antes da criação, o tempo após a criação e a encarnação. O duplo erro de

Hipólito está na evolução do Verbo, que introduz um crescimento da essência divina, incompatível com sua imutabilidade, e na geração do Verbo, como ato livre de Deus, a exemplo da criação. Já sua soteriologia é inspirada em Irineu, em sua teoria da recapitulação, por meio da qual se diz que o Logos tomou a carne de Adão, para renovar a humanidade. O Redentor é verdadeiro homem, na medida em que, numa nova criação, refaz o homem velho. “Hipólito segue aqui a Irineu e concebe a redenção como deificação da humanidade” (QUASTEN, 2000, p. 455, tradução nossa). Por fim, sua eclesiologia contém dois aspectos: um hierárquico e outro espiritual. Quanto ao hierárquico, Hipólito concebe a Igreja como depositária da verdade e a sucessão apostólica, como garantia do ensino. Quanto ao espiritual, concebe a Igreja como sociedade de justos, que não admite os que faltaram gravemente contra a fé e os costumes, como fez Adão, ainda que se arrependam.

2 A *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma

A *Traditio Apostolica* (TA), escrita em 215, é uma obra descoberta e reconstituída num longo processo de pesquisa e recomposição. Não é à toa que, de todos os escritos de Hipólito, é o mais relevante, no contexto atual. Na estátua de Hipólito, localizada na Biblioteca Vaticana, encontra-se o título dessa obra. Sua reconstituição conferiu um novo *status* à compreensão da história da liturgia romana e da vida da Igreja, durante os três primeiros séculos. Após a *Didaqué*,

é a mais antiga e a mais importante das Constituições eclesiásticas da antiguidade, pois contém um ritual rudimentário com regras e formas fixas para a ordenação e outras funções dos distintos graus da hierarquia, para a celebração da Eucaristia e a administração do batismo (QUASTEN, 2000, p. 437, tradução nossa).

A fim de compreendermos o movimento que resultou na TA, tal como a temos hoje, analisaremos seus processos de descoberta e reconstituição, pois com isso, será possível nos aproximarmos de seu conteúdo, especialmente aquele relativo à iniciação cristã.

De acordo com Gibin (1971, p. 3-6), a descoberta do texto passou pela análise crítica de diversos textos, sob os pontos de vista literário e de

conteúdo. Esses textos formavam um conjunto de escritos antigos, que tratavam do mesmo assunto e relacionavam-se entre si. Alguns estudiosos atribuíram os diferentes escritos a diferentes autores. Nesta etapa de análise, percebeu-se que havia uma compilação grega de oito livros, que formavam uma só obra, com o título de *Constituições apostólicas*. Neste contexto, E. Schwartz e R. H. Connoly, que trabalhavam em separado, chegaram às mesmas conclusões: estes oito escritos formavam a *Constituição da Igreja Egípcia*; essa *Constituição* era a TA; e esta, por sua vez, tinha como autor o personagem da estátua.

O texto original grego se perdeu. Logo, a reconstituição deveria ocorrer por meio das traduções disponíveis. Contudo, as línguas utilizadas nessas traduções eram muito diferentes da língua grega, o que, inevitavelmente, comprometia o trabalho de cópias sucessivas, método de transmissão dos textos utilizado naquele período. Dada essa problemática das versões e possíveis adaptações, o próximo passo seria estabelecer a estrutura da obra, ao mesmo tempo que se analisaria, criticamente, o texto. Quanto à estrutura, a versão mais completa serviria de base, devendo ser criticada e aperfeiçoada por meio das demais versões. Quanto à crítica textual, seria utilizado o método racional da filologia, de modo a rechaçar toda a arbitrariedade e a estabelecer a maior objetividade possível do texto.

Em termos de conteúdo, a TA compreende três partes principais: 1) a constituição da comunidade, em seus aspectos hierárquicos; 2) a iniciação cristã; 3) uma série de observâncias litúrgicas na comunidade. Numa visão panorâmica da obra, segundo Quasten (2000, p. 442), temos os seguintes elementos, correspondentes a cada parte:

1) Quanto à constituição hierárquica da comunidade. O estabelecimento de cânones para a eleição e consagração de um bispo, a oração de sua consagração, a liturgia eucarística própria para esta ocasião e as bênçãos decorrentes do aceite. Em seguida, há a indicação de normas e orientações para a ordenação dos sacerdotes e dos diáconos. Por fim, trata dos confessores, leitores, virgens, dos que têm o dom de curar, entre outros. Uma das preocupações de Hipólito era salvaguardar as formas e ritos tradicionais. “Se as estabelece por escrito, é para protestar contra as inovações. Por conseguinte, a liturgia descrita nesta constituição pertence a uma época mais antiga, e por isso mesmo, de um valor maior” (QUASTEN, 2004, p. 493, tradução nossa). A época mais antiga é a da segunda metade do século II, em Roma.

2) Quanto à iniciação cristã. Hipólito trata dos recém-convertidos, das artes e das profissões proibidas aos cristãos, dos catecúmenos, do batismo, da confirmação e da primeira comunhão. A descrição do batismo é extremamente relevante, pois contém o primeiro símbolo romano. Já o rito da confirmação deixa claro que é distinto daquele do batismo. Esta segunda parte é um ritual completo do catecumenato, um tratado independente, um documento original e programático, com suas próprias conclusões. Fica evidente a dinâmica de vida das comunidades antigas e o seu papel no acompanhamento dos candidatos. Destaque especial para a prática da oração e para o Espírito Santo, mobilizadores da conversão interior, que ocorre pelo agir de Deus à parte do rito exterior.

3) Quanto às observâncias na comunidade. São os costumes cristãos, como a Eucaristia dominical, a Liturgia das Horas, a oração, a leitura espiritual, entre outros. Não é um conjunto ordenado e orgânico, como as duas primeiras partes; porém, procura retomar as tradições antigas, de modo a orientar a comunidade para a observância das exigências da fé.

Segundo Etcheverría (1994, p. 142), o gênero literário dos ordenamentos eclesiais, iniciado na *Didaqué*, é a marca registrada da TA. As regulamentações presentes na obra, que constituem sua estrutura formal, são expressões das duas formas básicas do discurso jurídico: os decretos apodícticos e as ampliações casuísticas. O foco está no crescimento da comunidade institucionalizada. Por isso,

na Tradição Apostólica, os apóstolos históricos, o passado qualificado como *vertex traditionis*, configuram o ponto de partida de um processo de transmissão ativo, permanente e dinâmico-carismático, em que o indivíduo cristão retoma em comunidade a transmissão dos conteúdos de tradição assentados na constituição eclesial para ulterior desenvolvimento (ETCHEVERRÍA, 1994, p. 142, tradução nossa).

Seguindo o argumento de Daniélou (1968, p. 49), a TA possui traços de rigorismo, mas isso não significa que é obra de um integrista (Hipólito) contra um progressista (Papa Calisto). Em sentido contrário, é um escrito que expressa, com fidelidade, a liturgia e a disciplina romanas do século III, além da própria organização do catecumenato, que nesse momento estava em pleno desenvolvimento.

3 A iniciação cristã na *Tradição Apostólica*

3.1 O catecumenato

Hipólito inicia a segunda parte da TA, tratando daqueles que se aproximam da fé. Estes devem ser submetidos a um processo de escrutínio, a partir de alguns critérios e orientações, de modo que possam ser admitidos à escuta da Palavra. Escreve o autor: “os que são trazidos, pela primeira vez, para ouvir a Palavra sejam, primeiramente, conduzidos à presença dos catequistas – [...] – e sejam interrogados sobre o motivo pelo qual se aproximam da fé” (TA 33). Vemos aqui o início da preparação mais remota, o que poderíamos chamar de pré-catecumenato. A escuta da Palavra ocupa o lugar central nesta etapa; contudo, faz-se necessário conhecer as motivações do candidato, por ele mesmo, em função da dignidade exigida para o contato com a Palavra. E Hipólito prossegue:

Dêem testemunho deles os que os tiverem conduzido, dizendo se estão aptos a ouvir a Palavra; sejam, também, interrogados sobre sua vida: se tem mulher, se é escravo; se algum deles for escravo de um fiel – e o seu senhor lhe permitir, ouça a Palavra; mas se o senhor não der testemunho dele dizendo que é bom, seja recusado (TA 33).

Temos aqui três questões relevantes. 1) a condução do candidato por outrem e seu testemunho sobre quem é trazido; 2) a centralidade da Palavra; e 3) o comportamento do candidato. Isso significa dizer que não basta o testemunho de si próprio, para ser admitido ao catecumenato. E aqui um detalhe importante: não é a admissão ao batismo, mas sim ao catecumenato, indicando que, para Hipólito, o simples ingresso no processo de iniciação estava revestido de grande seriedade e compromisso. Sobre o comportamento do candidato, vale salientar que Hipólito, em certa medida, é um rigorista, pois entende que a retidão de vida é condição para se aproximar da fé, uma vez que, “culturalmente, vivia-se num mundo pagão” (MOREIRA, 2011, p. 137). Com isso, entendemos sua crítica ao Papa Calisto, que atenuou a penitência aos culpados de pecado mortal. Contudo, mais do que um critério, Hipólito preocupava-se com a autenticidade da conversão, com a disposição interior para uma vida digna, pois sem essa disposição o processo de iniciação seria vão, estéril. Se o candidato não abraçasse, desde o momento anterior, aquilo que iria vivenciar no catecumenato, este não teria sentido.

Há, na sequência, algumas indicações de trabalhos e artes proibidos, aos quais os candidatos deveriam abdicar. Caso não o fizessem, deveriam ser recusados. Dentre eles, estão: prostituição, construção de ídolos, teatro, lutas, atividade militar, magia, feitiçaria, astrologia, entre outros. A ocupação do indivíduo que pretende ser batizado expressa, de modo objetivo, sua idoneidade.

Os que eram admitidos ao catecumenato deveriam vivenciar três momentos distintos e interdependentes: a escuta da Palavra, a oração e a imposição da mão. Quanto à escuta da Palavra, esta teria a duração de três anos, mas o elemento preponderante seria a atenção e a dedicação do candidato, ou seja, o seu caráter, sua conduta de vida. Segundo Moreira (2011, p. 138), o tempo do catecumenato poderia ser abreviado, em virtude da conversão. Mais uma vez, Hipólito preconiza o comportamento, agora do catecúmeno, em detrimento da norma. O responsável pela instrução sobre a Palavra era o catequista. Após a instrução, o catecúmeno deveria rezar em particular, separado dos fiéis, pois se encontra em processo de iniciação. Tal separação, de acordo com Moreira (2011, p. 138), dizia da necessidade da oração para aqueles que iriam, futuramente, ouvir a Palavra com os fiéis puros, sendo que a base dessa separação reside na santidade da comunidade. Ao final da oração, “não darão a paz, porque o seu ósculo ainda não é santo” (TA 40). Indica-se, com isso, a santidade decorrente do batismo como condição para dar a paz. Bastará apenas uma saudação recíproca: os homens aos homens e as mulheres às mulheres. Quanto à imposição da mão, ocorreria após a oração. O catequista impõe a mão sobre o catecúmeno, reza e o dispensa. Contudo, sabe-se que no tempo da Igreja primitiva, os cristãos eram perseguidos e não raras vezes mortos, por causa da fé. Nesse sentido, Hipólito faz referência aos catecúmenos que, por estarem em processo de iniciação à vida cristã, forem mortos. Diz o autor da TA: “se um catecúmeno for aprisionado por causa do nome do Senhor, não se angustie: se lhe for infligida violência e morte antes de seus pecados terem sido perdoados, será justificado – pois terá recebido o Batismo no seu sangue” (TA 41). Destaque, aqui, para o pecado, a justificação e o Batismo de sangue. Para o pecado, porque o batismo purificaria o catecúmeno; para a justificação, porque se refere à salvação; e para o Batismo de sangue, porque o martírio atestaria que o catecúmeno tinha, efetivamente, abraçado a fé que iria confessar no ritual do batismo. Novamente, Hipólito não deixa de vincular o catecumenato à vida e com o testemunho da fé. Ou seja, a iniciação à vida cristã não é iniciação apenas do ponto de vista intelectual e de instrução pela Palavra, mas sim vital e existencial, de modo que o catecumenato repercute diretamente na vida do catecúmeno,

fazendo-o experienciar as exigências da fé que assumirá, efetivamente, com o batismo. “O núcleo fundamental do catecumenato é fazer do candidato uma pessoa pura, sem ligação com o mundo e com Satanás. Há uma exortação aos catecúmenos, para serem verdadeiros cristãos” (MOREIRA, 2011, p. 139).

3.2 O batismo

Após o catecumenato, são escolhidos os que receberão o batismo, os eleitos. Para isso, novamente sua vida será examinada, não a doutrina nem a Palavra. Recordemos que, no pré-catecumenato, a vida do candidato era examinada para que pudesse ser admitido à escuta da Palavra, não ao batismo. Aqui, trata-se de um outro exame: “se viveram com dignidade enquanto catecúmenos, se honraram as viúvas, se visitaram os enfermos, se só praticaram boas ações. E, ao testemunharem sobre eles os que os tiverem apresentado, dizendo que assim agiram, ouçam o Evangelho” (TA 42). A vida, a verdade, a caridade e o testemunho de outrem são os critérios para a admissão ao batismo. A escuta do Evangelho, como indica o texto de Hipólito, era reservada aos eleitos. Para Moreira (2011, p. 140), o Evangelho era reservado à comunidade dos santos; logo, a possibilidade de escutar o Evangelho era um passo decisivo para o catecúmeno escolhido para o batismo.

Em seguida, ocorre o processo de preparação próxima ao batismo. Diariamente, será imposta a mão sobre o *baptizandi*, sendo ele também exorcizado. No período próximo ao batismo, o bispo deve exorcizá-lo, a fim de verificar se é puro. Caso não o seja, deverá ser posto à parte, pois não ouviu a Palavra com fé, uma vez que a pureza está em estreita relação com o crescimento da fé. Também o *baptizandi* deverá se lavar e se banhar, no quinto dia da semana. Se uma mulher estiver menstruada, deverá ser batizada em outro dia. Também deverá jejuar, na véspera do sábado, aquele que receberá o batismo. No sábado, todos os que foram escolhidos estarão reunidos num só local, designado pelo bispo. Todos deverão rezar e se ajoelhar. O bispo, por sua vez, imporá a mão e exorcizará todos os espíritos estranhos. Ao final, soprará no rosto dos *baptizandi* para infundir-lhes o Espírito. Esse ritual expressa a necessidade da pureza para a recepção do batismo. A insistência no exorcismo se deve ao fato de que, tendo o *baptizandi* vivenciado o período do catecumenato com uma reta disposição interior e de vida, o espírito diabólico procurará afastá-lo do caminho de conversão e de fé que está para confessar, pelo batismo. Fica evidente o

“contraste existente entre o mundo do demônio e aquele do ‘*verbum doctrinam*’ [...] O contraste feito por Hipólito entre os dois mundos é absoluto” (MOREIRA, 2011, p. 137). Com isso, fica claro que, para Hipólito, o ritual de iniciação cristã é uma expressão exterior de uma realidade interior e espiritual. Logo, o sentido da iniciação cristã reside muito mais nos frutos espirituais, para o *baptizandi*, do que no cumprimento das normas. Tal constatação ilumina, decisivamente, o processo de iniciação cristã dos nossos tempos.

Logo após, o bispo marca os *baptizandi* com o sinal da cruz na fronte, nos ouvidos e nas narinas e os faz levantarem-se. Todos permanecerão vigilantes durante a noite, sendo instruídos. Pela madrugada, no domingo, reza-se sobre a água, que deve ser corrente, na fonte, ou derramada do alto, a não ser que alguma necessidade exija a utilização da água que se encontrar. Os *baptizandi* despirão suas roupas e as crianças serão batizadas em primeiro lugar. Os que podem falar por si, falem; os que não puderem, sejam os pais ou alguém da família a falar. Em seguida, batizam-se os homens e depois as mulheres, com os cabelos soltos e sem enfeites de ouro e prata. Elemento essencial ao batismo era o despojamento, a não ligação com o mundo, o desapego.

É recomendada a simplicidade total, trazer apenas o que é necessário para a eucaristia. Devem vir apenas com a fé para se submeterem ao poder de Deus e à Sua vontade. Virão com as mãos abertas e o coração vazio para que o Senhor os encha (MOREIRA, 2011, p. 141).

No momento previsto, o bispo dá graças sobre o óleo, que será chamado óleo de ação de graças. Haverá também um outro óleo, exorcizado, chamado óleo de exorcismo. Dois diáconos trazem os óleos e colocam-se um à direita (com o de ação de graças) e outro à esquerda (com o do exorcismo) do presbítero. Este, por sua vez, acolhe cada *baptizandi*, que deverá pronunciar uma fórmula de renúncia: “Renuncio a ti, Satanás, a todo o teu serviço e a todas as tuas obras” (TA 47). Após essa renúncia, que marca o fim do catecumenato, cada um dos que receberá o batismo é ungido, com o óleo do exorcismo e é entregue, nu, ao bispo ou ao presbítero que batiza. Descendo à água, o que batiza impõe a mão sobre o que será batizado e procede ao rito do batismo, em três momentos: a confissão de fé no Pai, no Filho e no Espírito, por parte do *baptizandi*, por meio de um diálogo com aquele que batiza. A cada confissão, o *baptizandi* é mergulhado, ou seja, o batismo se dá por uma tríplice imersão. No que se refere à confissão de fé, esta é

semelhante ao credo atual, com algumas supressões que não comprometem sua estrutura geral. Ao final, o batizado é ungido com o óleo santo. Um por um, todos enxugam-se, vestem-se e entram na igreja.

3.3 A confirmação

Após o ingresso na igreja, o bispo impõe a mão sobre os batizados e faz uma invocação, cujo conteúdo suplica a Deus que torne os batizados dignos de serem cumulados do Espírito Santo, para o Seu serviço. De acordo com Moreira (2011, p. 143), “certamente as mãos sobre todos ao mesmo tempo é o que se implica da utilização do plural”. E Moreira (2011, p. 144) continua dizendo que há uma pneumatologia presente no processo da iniciação cristã. O batismo confere o Espírito, mas não em sentido completo. A oração proferida pelo bispo atesta o pedido de uma outra graça, a saber, a manifestação do Espírito, em prol do serviço da vontade de Deus.

Em seguida, o bispo unge a cabeça dos batizados com o óleo santificado, marca sua fronte com o sinal da cruz e lhes dá o ósculo. Essa unção pós-batismal constitui o rito sacramental da confirmação. A seguir, todos rezam junto com o povo e oferecem, posteriormente, o ósculo da paz, agora sim, ósculo santo. A partir de agora, os que foram batizados estão na comunidade, reunida na graça do Espírito, para o serviço de Deus.

3.4 A primeira eucaristia

Após a descrição do batismo e da crisma, Hipólito apresenta o ritual da Missa batismal, ainda que não utilize o termo *Missa*. Os diáconos oferecem a oblação ao bispo, que dá graças sobre o pão e o vinho, a fim de que se tornem o Corpo e o Sangue de Cristo para a distribuição aos fiéis. Hipólito faz questão de salientar: “todos esses fatos explique-os o bispo aos que recebem” (TA 57). Ou seja, favoreça a introdução dos participantes do banquete eucarístico no mistério celebrado. Em seguida, o pão é partido e distribuído aos fiéis.

“Após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade” (TA 58). Com essa indicação, Hipólito encaminha-se para o fim da segunda parte de sua TA, mais uma vez reafirmando o caráter

vital da iniciação cristã, inaugurado com o catecumenato e cujo fim se dará apenas com a morte e a contemplação de Deus na eternidade.

Considerações finais

Após a análise do processo de iniciação cristã na TA de Hipólito de Roma, elencamos três pontos que consideramos de extrema relevância para a compreensão deste processo, em sua organicidade e prospectividade, em termos de uma possível relação com a iniciação cristã de nossos tempos.

A comunidade primitiva. Segundo Gibin (1971, p. 20),

a visão concreta das etapas e os detalhes fornecidos nos permitem uma percepção muito real da vida da comunidade primitiva. Todos os membros da Igreja local [...] estão empenhados, seriamente, no exame, na preparação e no acompanhamento dos candidatos [...] percebe-se o rigor das exigências evangélicas tomadas como condição para a admissão no catecumenato e o ingresso efetivo na comunidade.

O processo de iniciação à vida cristã ocorre na comunidade, pela comunidade e para a comunidade. Não é por acaso que o cume da iniciação cristã (fim do catecumenato) é o ingresso na comunidade e a comunhão com os fiéis, os santos. A comunidade é, pois, lugar de santidade.

A conversão. Os exames (escrutínios), a necessidade de uma vida reta e pura, o testemunho de outrem, tudo isso expressa a finalidade, por assim dizer, da iniciação cristã: em uma época pagã, a Igreja não mantinha o foco nos ritos, mas sim nas realidades espirituais, às quais os ritos se referiam. Não era admitida uma fé subjetiva em absoluto, centrada no indivíduo e que, ainda por cima, não desse testemunho. A prática do Evangelho deveria ser o estilo de vida do cristão. Daí as sucessivas renúncias a Satanás, significando o afastamento do mundo e a relação íntima com Deus.

A oração. A prática da oração acompanha as diversas etapas da iniciação cristã, para Hipólito. Não apenas acompanha, mas é parte essencial e indispensável. De acordo com Gibin (1971, p. 21), a oração realizada após a escuta da Palavra, fazia com que o catecúmeno assumisse como regra de sua vida os ensinamentos ministrados pelo catequista, de modo que o binômio palavra/oração convertesse o seu interior para Deus. Pela oração, o Espírito Santo transforma os corações.

Portanto, a iniciação cristã, na TA de Hipólito de Roma, é um conjunto de etapas e ritos articulados entre si, inscritos num espaço e num tempo e que indicam uma estreita relação entre comunidade, conversão e oração, no processo mesmo de iniciação à vida cristã. Nesse conjunto, batismo, confirmação e eucaristia formam, por assim dizer, um único mistério de reconciliação e santificação: para a conversão pessoal e para o serviço de Deus na comunidade.

Referências

DANIÉLOU, Jean. *La catéchèse aux premiers siècles*. Paris: Fayard, 1968.

ETCHEVERRÍA, Ramón Trevijano. *Patrología*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1994.

GIBIN, Maucyr. Introdução. In: HIPÓLITO. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971.

HANSSENS, Jean Michel. *La liturgie d'Hippolyte: ses documents, son titulaire, ses origines et son caractere*. Roma: Pontificium Institutum Orientalium Studiorum, 1965.

HIPÓLITO. *Tradição Apostólica de Hipólito de Roma*. Trad. Maria da Glória Novak. Petrópolis: Vozes, 1971.

MOREIRA, Vicente de Paulo. Catecumenato e Iniciação Cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 74, p. 135-148, abr./jun. 2011.

QUASTEN, Johannes. *Patrologia: fino al Concilio di Nicea*. Bologna: Marietti, 2000.

Artigo recebido em 14/05/2020 e aprovado para publicação em 26/05/2020

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v19i37-2020-3>

Como citar:

PESSOTTO, Diogo Marangon. A iniciação cristã na *Tradição Apostólica* de Hipólito de Roma. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 37, p. 53-66, jan./jun. 2020. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br